

# *ENSINO E APRENDIZAGEM - COMO ENSINAR LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NÃO ALFABETIZADAS*

*TEACHING AND LEARNING - HOW TO TEACH ENGLISH LANGUAGE FOR NON-  
LITERATE CHILDREN*

Ricardo Santos **DAVID**<sup>1</sup>

**Resumo:** Este estudo tem por finalidade pesquisar a importância do ensino-aprendizagem da língua estrangeira voltado para crianças não alfabetizadas, não apenas como instrumento de inserção e ascensão social, mas também como canal de acesso a diferentes culturas. Por essas razões, esse artigo vem abordar questões da aprendizagem de uma língua estrangeira, sendo essa a Língua Inglesa (LI). Esta pesquisa objetivou analisar a importância da inserção da Língua Inglesa para crianças de três a seis anos, assim como o desenvolvimento ocasionado pela aprendizagem da língua estrangeira e seus benefícios. Justificamos sua realização por considerarmos que pretende contribuir com os estudos sobre a importância da aprendizagem da língua inglesa voltada para crianças, a fim de investigar o desenvolvimento cognitivo, formação docente, afetividade e abordagens do processo de ensino-aprendizagem. Os principais teóricos que norteiam esta pesquisa são Celani (1996), Chaguri (2004), Dib (2004), Leffa (2001), Oliveira (2000), Rocha (2008), Schütz (2008) e Vieira (2007). O trabalho proposto toma por base a pesquisa de natureza qualitativa e propõe contribuir para o desenvolvimento da formação do professor através da prática reflexiva e atua com o arcabouço teórico dos estudos voltados para a importância do estudo língua estrangeira para crianças.

**Palavras-chave:** Abordagens do Ensino Infantil; Formação Docente; Língua Inglesa; Processo de Ensino-Aprendizagem.

**Abstract:** This study aims to investigate the importance of teaching and learning a foreign language for children, not only as an instrument of social insertion and ascension, but also as a way of access to different cultures. For these reasons, this project deals with issues of learning a foreign language and in this case, it is the English language (LI). This research analyzes the importance of the insertion of the English language for children between three to six years old and besides that it investigates the development caused by the foreign language learning and its benefits. We justify it because we consider that it intends to contribute to the studies of the importance of English language learning for children in order to investigate the cognitive development, teacher training, affection and teaching-learning approaches. The main references studies that guided this research are Celani (1996), Chaguri (2004), Dib (2004), Leffa (2001), Oliveira (2000), Rocha (2008), Schütz (2008) and Vieira (2007). This study was based on the qualitative research and it can contribute for the development of the teacher education through reflective practice, thus it can contribute for the theoretical studies that focus on the importance of studying a foreign language for children.

**Keywords:** Approaches for Children Education; Teacher Training; English Language; Teaching-Learning Process.

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Educação: Formação de Professores da Florida Christian University (FCU) – Estados Unidos. Doutor em Educação: Formação de professores e novas tecnologias. Pesquisador no Centro de Estudos da Linguagem pla Uniatlantico – Espanha. ricardosdavid@hotmail.com.

## Introdução

Atualmente, ser fluente em mais de um idioma é praticamente um critério de sobrevivência para o intercâmbio econômico e social, cujos fatores influenciam diretamente nas comunicações interpessoais e comerciais. Desse modo, cresceu a procura de escolas de idiomas, e a questão da aprendizagem da língua inglesa desde a infância têm se tornado bastante comum, devido à grande demanda de pessoas capacitadas a lidar com a globalização, foco do presente estudo. Dessa maneira, o desenvolvimento tecnológico se torna mais acessível e como decorrência o acesso à informação, a interação mundial e o desenvolvimento de valores sociais se tornam mais amplos. (Vieira 2008, p. 34). Acredita que o aprendizado da língua inglesa para crianças é de grande relevância, pois essas terão adaptado o aparelho fonador para articular alguns vocábulos provenientes da Língua Inglesa (LI). A autora também advoga que “para quem tem a oportunidade de aprender logo nos primeiros anos de vida, o segundo idioma não tem pontos negativos”, o que é questionado por alguns estudiosos da área. Este estudo teve por finalidade pesquisar a importância do ensino-aprendizagem da língua estrangeira voltado para crianças, não apenas como instrumento de inserção e ascensão social, mas também como canal de acesso a diferentes culturas.

Por essas razões, esse trabalho abordou questões da aprendizagem de uma língua estrangeira, sendo essa a LI. O trabalho proposto tomou por base a pesquisa de natureza qualitativa e propõe contribuir para o desenvolvimento da formação do professor através da prática reflexiva, pois os estudos mostram que a prática reflexiva proporciona ao profissional ter maior consciência de sua própria prática docente e autonomia em sua prática profissional. A reflexão proporciona pensar sobre sua prática e refazer de forma mais significativa para os seus alunos, contribuindo assim com o arcabouço teórico dos estudos voltados à importância da formação de professores.

É preciso ressaltar que, na era da globalização, a comunicação entre pessoas ultrapassa o limite da comunicação local, assim a necessidade de se aprender mais línguas aumenta a cada dia. Independente de reconhecermos a importância da língua inglesa convém ressaltar algumas justificativas para a inserção do aprendizado da LI nos dias atuais. Nesse sentido, (Vieira 2008, p. 34) ressalta que “o aprendizado de uma segunda língua desde cedo é bastante comum na maioria dos países industrializados. Atualmente, ser fluente em mais de um idioma é praticamente um critério de sobrevivência”.

(Vieira 2008, p. 37) salienta ainda que:

Estudos anteriores ainda apontam que a criança bilíngue tem mais flexibilidade mental, superioridade na formação de conceitos e um conjunto mais amplo de habilidades no raciocínio. Para muitos autores, o aprendizado de uma segunda língua estimula o desenvolvimento da criatividade, tanto verbal quanto figurativa, e proporciona um perfil linguístico mais variado e complexo, diferente dos monolíngues. Além disso, é fato que a língua está diretamente ligada à identidade e à cultura das pessoas. Por isso, a criança valoriza automaticamente o fato de entender mais de um universo cultural, o que ajuda na autoestima.

De acordo com os comentários da autora, o estudo de uma língua estrangeira para uma criança proporciona várias vantagens comportamentais, linguísticas, sociais e mentais. Além disso, verificamos que a principal preocupação sobre as abordagens de ensino atualmente está pautada na formação dos professores e nas diferentes ações docentes que estes empregam. Outrora, o ensino era embasado apenas em reprodução de modelos pedagógicos. Sendo que o docente se resumia a mero aplicador de técnicas de acordo com Oliveira (2000). Deste modo, (Moita Lopes, 1996, p.184) esclarece que o despreparo docente implica diretamente a necessidade de uma “autoeducação contínua”. Entendesse por educação contínua, todos os cursos ou eventos que o professor venha a participar depois que se forma no ensino superior ou especialização, que seria aplicada a partir da pesquisa, investigando as necessidades educacionais para construir seu fazer docente. Desse modo, (Dib, 2004, p. 13) assegura que “o ato de educar não se daria por acumulação de conteúdo ou domínio de técnicas, mas por meio de prática reflexiva, problematizada e dialógica em relação aos educandos”. Muitas vezes, para Dib (2004), o profissional utiliza o mesmo material ano após ano sem refletir acerca da necessidade dos docentes. Esse profissional considera o aluno como receptor ou mero expectador, que olha para o quadro, copia e reproduz o conteúdo ensinado, sendo assim, ele não reflete sobre os efeitos de sua prática.

A autora, anteriormente citada, advoga ainda que:

Nessa perspectiva, a prática reflexiva seria fonte de conhecimento, na qual o professor passa de mero consumidor para produtor de conhecimento, fazendo da sala de aula não só um local de desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem, mas também um local de pesquisa, na busca de reflexões sobre a sua própria prática, rumo a possíveis mudanças (DIB, 2004, p. 13).

A prática reflexiva se faz necessária para que haja uma conscientização da própria prática docente, mas ainda há muitos profissionais que não se preocupam com uma educação contínua, sendo assim não enxergam a sala de aula como um local de pesquisa onde o professor investiga suas ações e seu conhecimento para aperfeiçoar o seu fazer. Vale sinalizar ainda que “Dentro da sala de aula, educadores enfrentam problemas que transcendem teorias e técnicas existentes, isto é, enfrentam situações imprevistas que, na visão de Schön (2000), escapam à racionalidade técnica”,

como assinala (Dib 2004, p. 14). Assim, acreditamos que o estudo sugere um novo olhar para o ensino reflexivo, uma vez que métodos e técnicas são vistos como automatizados e formulados.

Dentre os estudos sobre a prática reflexiva, notamos que esse novo olhar para a formação de professores propicia a valorização da emancipação, entretanto, devemos nos atentar aos conceitos de educação de acordo com (Cavalcanti 2009, p. 180) que faz a seguinte reflexão:

Afinal, já paramos para refletir o que é formar um professor de línguas? Se queremos educação ou treinamento? Ou quem sabe adestramento? Os professores são vistos como recipientes passivos daquilo que lhes ditam os especialistas. Assume-se que o professor deve ser 'treinado' para se tornar um ser não pensante, não emancipado.

A partir do exposto, percebemos que formação docente não deveria ser vista como aprendizado de técnicas ou treinamento para dar aulas visto que formar um professor não se limita a executar atividades em sala de aula, mas sim elaborar todo um processo dialógico, significativo com condutas emancipadoras e reflexivas, avaliando sempre seu pensar e seu fazer. O treinamento, utilizado por diferentes escolas, objetiva formar cidadãos não críticos, que aceitem tudo o que lhes é imposto, para repetir e copiar, sem questionar. Assim seria a formação do professor numa ideologia de reprodução. Perante esta situação, (Leffa, 2001, p. 3) considera importante que saibamos diferenciar treinar de formar.

O autor assinala que:

Um exemplo clássico de treinamento são os cursos às vezes oferecidos pelas escolas particulares de línguas aos seus futuros professores e que visam simplesmente desenvolver a competência no uso do material de ensino produzido pela própria escola. O objetivo imediato é ensinar o professor a usar aquele material; no dia em que o material for substituído, o professor deverá fazer outro curso.

Dessa maneira, podemos definir treinamento como preparação para executar tarefas que tragam resultados rápidos, receitas de metodologia ou técnicas. Assim, o professor não tem tempo de conhecer o embasamento dessas metodologias, sendo um mero reprodutor. (Leffa, 2001, p. 3) aponta ainda que formação é diferente de treinamento:

Formação é diferente: busca a reflexão e o motivo por que uma ação é feita da maneira que é feita. Há, assim, uma preocupação com o embasamento teórico que subjaz à atividade do professor. Enquanto que o treinamento limita-se ao aqui e agora, a formação olha além.

A reflexão do autor pode nos permitir viabilizar a formação como algo contínuo e não estagnado como seria o treinamento. Na formação o profissional não só armazena e aplica conteúdos. Sabemos que o conhecimento está em constante mudança, por isso o profissional deve

avaliar e atualizar seus conhecimentos. Dos apontamentos citados são importantes lembrar a questão da interação entre professor-aluno, visto que o ensino deve ser contextualizado, modificando sempre que possível para que ocorra uma melhor interação. Além disso, o aprendizado deve ser reciclado a cada novo estudo que surgir, pois, segundo Leffa (2001), o conhecimento é perecível.

A pesquisadora Rocha (2009) ressalta a construção de interações no ensino de língua estrangeira para crianças e reforça a necessidade que haja “fatores relacionados à afetividade, à motivação e à autoestima do aprendiz-criança, conforme já pontuado, como também acerca do papel da oralidade” indica ainda que a língua materna seja um dos instrumentos de mediação no ensino-aprendizagem de uma língua. Chaguri (2004) converge com a autora quando acredita que o ensino da língua inglesa para crianças deva ser bastante lúdico e que devemos nos ater ao vocabulário, pois este servirá de base para uma aprendizagem mais sólida. O vocabulário deve ser aprendido através de materiais concretos como flashcards com imagens, músicas, fantoches, representações, etc.

O autor evidencia também que se o ensino é lúdico, apresentado como diversão, fazendo parte do cotidiano escolar e sendo aplicado de forma significativa leva o aluno a uma melhor compreensão e fixação da matéria. Devemos ressaltar também que a apropriação da oralidade se faz íntegra quando o professor evolui o ensino e o aprendiz num mesmo contexto. Dessa maneira, de acordo com os postulados anteriores e com as teorias de Queiroz (2009), acreditamos que o papel desempenhado pela língua inglesa seja de auxiliar nas relações sociais e culturais das crianças, uma vez que essas terão desenvolvidas suas potencialidades individuais e coletivas.

O autor indica também que ensinar uma língua estrangeira a uma criança é questão de oportunidade e direito, pois se negarmos isso a uma criança também estaríamos negando o desenvolvimento de suas competências e habilidades ao longo de sua jornada escolar. Salientamos também que no ensino de línguas há duas vertentes principais: a aquisição e o aprendizado de línguas, segundo Schütz (2008). O autor salienta que “Language acquisition”, ou seja, a aquisição seria o mesmo que assimilação, referindo-se ao processo de assimilação natural, ressaltando que:

Formação é diferente: busca a reflexão e o motivo por que uma ação é feita da maneira que é feita. Há, assim, uma preocupação com o embasamento teórico que subjaz à atividade do professor. Enquanto que o treinamento limita-se ao aqui e agora, a formação olha além.

A reflexão do autor pode nos permitir viabilizar a formação como algo contínuo e não estagnado como seria o treinamento. Na formação o profissional não só armazena e aplica conteúdos. Sabemos que o conhecimento está em constante mudança, por isso o profissional deve avaliar e atualizar seus conhecimentos. A pesquisadora Rocha (2009) ressalta a construção de

interações no ensino de língua estrangeira para crianças e reforça a necessidade que haja “fatores relacionados à afetividade, à motivação e à autoestima do aprendiz-criança, conforme já pontuado, como também acerca do papel da oralidade” indica ainda que a língua materna seja um dos instrumentos de mediação no ensino-aprendizagem de uma língua. Chaguri (2004) converge com a autora quando acredita que o ensino da língua inglesa para crianças deva ser bastante lúdico e que devemos nos ater ao vocabulário, pois este servirá de base para uma aprendizagem mais sólida. O vocabulário deve ser aprendido através de materiais concretos como flashcards com imagens, músicas, fantoches, representações, etc. O autor evidencia também que se o ensino é lúdico, apresentado como diversão, fazendo parte do cotidiano escolar e sendo aplicado de forma significativa leva o aluno a uma melhor compreensão e fixação da matéria. Devemos ressaltar também que a apropriação da oralidade se faz íntegra quando o professor evolui o ensino e o aprendiz num mesmo contexto.

Dessa maneira, de acordo com os postulados anteriores e com as teorias de Queiroz (2009), acreditamos que o papel desempenhado pela língua inglesa seja de auxiliar nas relações sociais e culturais das crianças, uma vez que essas terão desenvolvidas suas potencialidades individuais e coletivas. O autor indica também que ensinar uma língua estrangeira a uma criança é questão de oportunidade e direito, pois se negarmos isso a uma criança também estaríamos negando o desenvolvimento de suas competências e habilidades ao longo de sua jornada escolar. Salientamos também que no ensino de línguas há duas vertentes principais: a aquisição e o aprendizado de línguas, segundo Schütz (2008).

O autor salienta que “Language acquisition”, ou seja, a aquisição seria o mesmo que assimilação, referindo-se ao processo de assimilação natural, ressaltando que:

Language acquisition refere-se ao processo de assimilação natural, intuitivo, subconsciente, fruto de interação em situações reais de convívio humano, em que o aprendiz participa como sujeito ativo. É semelhante ao processo de assimilação da língua materna pelas crianças; [...]

Podemos exemplificar a aquisição no caso de intercâmbios culturais, quando as pessoas vão para um determinado país buscando a vivência da língua-alvo. Conforme a exposição a essa língua, o falante terá mais apropriação da língua-alvo; por convivência, irá utilizar as regras gramaticais intuitivamente, não tendo conhecimento prévio das regras gramaticais. Ainda de acordo com Schütz (2008), o “language learning”, ou seja, o estudo formal tem outras perspectivas. O conceito é destinado ao aprendizado formal, das regras, das estruturas linguísticas. Dessa forma, Schütz (2008) pontua que:

O conceito de language learning está ligado à abordagem tradicional ao ensino de línguas, assim como é ainda hoje geralmente praticada nas escolas de ensino médio. A atenção volta-se à língua na sua forma escrita e o objetivo é o entendimento pelo aluno da estrutura e das regras do idioma através de esforço intelectual e de sua capacidade dedutivo-lógica. [...]

Muitas vezes, o que é aprendido em sala de aula não se torna significativo para esse aluno, porque ele aprende a construir frases, mas não saberá quando utilizá-las, pois o aprendizado não está integrado em seu contexto. Schütz (2008) exemplifica ainda que Exemplo clássico de “language learning” são os inúmeros graduados em Letras, já habilitados, porém ainda com extrema dificuldade em se comunicarem na língua que teoricamente poderiam ensinar.” De acordo com a citação acima, verificamos que atualmente o ensino de língua inglesa é transmitido como aprendizado tradicional na maioria das faculdades. Devido a este ensino, não fazemos uma maior apropriação dos conteúdos por não estarmos inseridos num contexto designado ao aprendizado de uma língua estrangeira, isto é, uma abordagem natural não é sempre abordada na construção desse ensino. Sendo assim, salientamos que graduados em Letras não têm proficiência para atuarem como docentes nessa língua estrangeira (se seu aprendizado acontecer somente na faculdade), pois a aquisição da fala não foi devidamente abordada enquanto estudantes de línguas.

Sendo assim, baseando-se nos princípios das implicações e abordagens pedagógicas no ensino aprendizagem da língua inglesa para crianças, formação do professor de língua inglesa, teorias psicológicas do desenvolvimento infantil e aquisição e aprendizagem da segunda língua, realizamos esta pesquisa. O presente estudo se justificou por uma inquietação pessoal de investigar as abordagens pedagógicas voltadas para crianças, pois observamos a oportunidade que as crianças têm de adquirir conhecimento e, conseqüentemente, uma nova língua mais cedo. O que também nos fez crer o quanto a globalização requer rapidamente mais pessoas aptas a se comunicarem umas com as outras. Além desses apontamentos, é preciso se lembrar da necessidade de se ter profissionais habilitados para atuarem no processo de ensino-aprendizagem dessas crianças.

As perguntas de pesquisa que nortearam a presente investigação foram:

- Quais as vantagens e desvantagens do ensino aprendizagem da língua inglesa para crianças?
- Como a formação do professor influencia no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa voltada para crianças não alfabetizadas?

Esta pesquisa objetivou analisar a importância da inserção da Língua Inglesa para crianças na faixa etária de três a seis anos e compreender a construção do processo de ensino-aprendizagem para elas, assim como o desenvolvimento ocasionado pela aprendizagem da língua estrangeira e seus benefícios. Além disso, este artigo teve como objetivo específico: Investigar os objetivos de ministrar aulas de língua inglesa para crianças em fase de alfabetização; analisar as conseqüências do ensino de língua inglesa para os pequenos; identificar as vantagens e desvantagens do ensino na

língua inglesa para crianças que ainda não foram alfabetizadas e, ainda, investigar como as aulas são construídas e como a formação do profissional influencia no processo de ensino.

### **Material e métodos de pesquisa**

Esta pesquisa é de base qualitativa, pois, segundo Chizzotti (1991), uma pesquisa adota o caráter qualitativo quando se fundamenta em dados coligados nas interações interpessoais e na coparticipação das situações dos informantes analisados, a partir da significação que estes dão aos seus atos. O pesquisador participa, compreende e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. Contudo, é necessária também a pesquisa de cunho bibliográfico para nos embasarmos em teóricos e diversos outros estudos que compreendem a língua inglesa. O instrumento de pesquisa utilizado para a coleta dos dados foi o questionário com perguntas abertas, que foi aplicado a seis professores de língua inglesa que ministram aulas em duas escolas de idiomas da cidade de São José dos Campos - São Paulo, no mês de Novembro de 2016. Como locus de pesquisa, escolhemos duas escolas de idiomas que oferecem o ensino da língua inglesa para crianças entre três a seis anos. Os cursos são ofertados de acordo com a idade do aluno, para cada idade há um nível de aprendizagem a ser oferecido. As aulas são realizadas duas vezes por semana durante uma hora. Em média, cada turma tem de quatro a dez alunos. Para a contratação dos professores, tanto na escola X como na escola Y, é preciso que tenham domínio das quatro habilidades da língua inglesa (escrever, falar, ler, ouvir), isto é, somente a competência linguística.

Não é necessário ter formação específica em Letras ou Pedagogia, mas é preciso que goste de crianças. As duas escolas ofertam “treinamento” sobre o método de ensino da escola e ensinam como trabalhar as atividades com as crianças, determinam também quais atividades deveriam usar. A coleta de dados se fez por meio de questionários que foram entregues aos professores de duas escolas de idiomas. Na escola X os questionários foram enviados via e-mail à coordenadora da escola, depois de uma solicitação verbal de permissão para a realização da pesquisa e consequentemente repassado aos três professores que lecionam língua inglesa para crianças de três a seis anos. Na primeira visita a escola Y foi possível realizar somente a entrega dos questionários, pois por motivos pessoais a coordenadora não pode nos atender. A conversa informal com a coordenadora aconteceu na semana seguinte. No recolhimento dos questionários alguns professores alegaram ter se esquecido de responder os questionários ou estavam sem tempo, mesmo depois de diversas tentativas. Sendo assim, podemos salientar que a pesquisa na área educacional enfrenta vários obstáculos, um deles é a contribuição dos participantes. A atitude da professora que não respondeu o questionário nos mostrou o descaso em contribuir para a pesquisa



voltada para a sua área. A seguir, analisaremos os dados buscando uma conversação entre a teoria e a prática, a fim de responder às perguntas de pesquisa salientadas anteriormente.

### **Definições, resultados e discussão**

Esta pesquisa busca fundamentos para analisarmos a importância da língua inglesa para crianças não alfabetizadas e para verificarmos as melhores abordagens de ensino para esses alunos. Busca, ainda, incentivar a emancipação do professor em sua prática profissional, relacionando suas práticas pedagógicas com sua conduta. Analisaremos os dados buscamos uma conversação entre a teoria e a prática, a fim de responder às perguntas de pesquisa salientadas anteriormente. Apresentamos, a seguir, alguns dos depoimentos dos participantes da pesquisa. A primeira pergunta do questionário investigava a formação acadêmica dos profissionais que lecionam língua inglesa para crianças de três a seis anos, fase de alfabetização:

Excerto nº 1:

1. Pergunta 1: Qual é a sua formação acadêmica?  
 Você tem interesse em continuar a estudar?

Respostas:

P1: Tenho curso superior incompleto. Talvez no futuro continue meus estudos numa área voltada para educação. P2-Sou formada em Jornalismo e estou no 2º período de Psicologia. P3-Letras Português/Língua Inglesa (incompleto) e Administração e Marketing (cursando), Sim. Tenho interesse em fazer pós-graduação e continuar a estudar.

P2: Sou formada em Jornalismo e estou no 2º período de Psicologia.

P3: Letras. Português/Língua Inglesa (incompleto) e Administração e Marketing (cursando). Sim. Tenho interesse em fazer pós-graduação e continuar a estudar.

P4: Sim, algum curso específico de gramática. Sou formada em Letras/tradutor e intérprete, extensão em Licenciatura Plena e Pós-graduada em Tradução.

P5: Pós-graduada em Língua Inglesa. Sim, pretendo não parar de estudar.

Os dados apontados por intermédio dos questionários sobre a formação acadêmica dos docentes nos fazem refletir que a licenciatura não é um pré-requisito para dar aulas às crianças. A proficiência na língua inglesa, isto é, o domínio das quatro habilidades linguísticas, nesse caso, é mais válido quando nos referimos à formação de professores de língua inglesa. Notamos que este perfil do educador era tomado como modelo dos anos 50 como aborda Celani (1996). A autora, afirma ainda que o professor ideal era o que se aproximava ao falante nativo, e a sua preocupação

era voltada para a aquisição de conteúdos, conhecimento de métodos e técnicas focado sempre no domínio da técnica, sem se preocupar com a interação do aluno na sala de aula. Observamos também nas respostas que somente P4 tem licenciatura, salientando que é [...] formada em letras/tradutor e intérprete, extensão em licenciatura plena e pós-graduada em tradução e P5 é Pós-graduada em Língua Inglesa [...]. De acordo com o transcrito, Leffa (2001) ressalva que não só o domínio da língua é necessário. É necessário que a ação pedagógica se faça presente na formação profissional. Constatamos, assim, que no ensino de línguas atualmente não há uma preocupação com as ações pedagógicas reflexivas dos professores e sim com o treinamento oferecido pelas escolas. No que diz respeito à formação continuada, os professores P1 [...] Talvez no futuro continue meus estudos numa área voltada para educação. E P5 [...] pretendo não parar de estudar indicam, pelas escolhas linguísticas, que há uma intenção em retomar os estudos. (Moita Lopes 1996, p. 184) salienta a necessidade de uma “autoeducação contínua” investigamos, assim, as necessidades educacionais para construir seu fazer docente.

Excerto nº 2:

Pergunta 2. Em sua opinião, como a formação do professor influencia no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa voltado para crianças?

Respostas:

P1: Acredito que o professor que se dedica ao ensino da língua inglesa voltado para crianças não alfabetizadas deve, em primeiro lugar, ser apaixonado pelo idioma. O Universo infantil é muito rico e o know-how de aprendizado infinito, o que exige do professor a compreensão deste universo para que possa dar sentido enquanto ensina o idioma. As crianças aprendem a partir do momento que levam a língua inglesa para sua realidade.

P2: Acredito que uma formação que não esteja voltada exclusivamente à formação de professores pode auxiliar na flexibilidade e ampliação de visão de mundo que se reflete na sala de aula. Por outro lado, algumas técnicas que professores aprendem na faculdade são apenas aprendidas por nós (não formados para professores) no dia-a-dia.

P3: Quanto mais treinado e trabalhado o ensino para crianças, fica mais fácil e rápido o aprendizado para elas, pois será respeitado seu tempo e maneira de aprender. Ao longo da utilização de atividades específicas para a faixa etária.

P4: Costumo dizer que uma boa aula de língua inglesa depende muito de quem ensina. O método pode ser bom, porém o professor tem um papel fundamental dentro de sala. Logo, além do conhecimento da língua, deve ter iniciativa, “jogo de cintura” e boa formação acadêmica. É um conjunto.

P5: Através da reciclagem em cursos e a própria experiência em sala de aula. A formação acadêmica também é de muita importância.

Pode-se notar no depoimento realizado por P1[...] O Universo infantil é muito rico e a capacidade de aprendizado infinita, o que exige do professor a compreensão deste universo para que possa dar sentido enquanto ensina o idioma, [...] uma visão intuitiva do que é a prática reflexiva e da contextualização do ensino e do diálogo da teoria e da prática. (Dib 2004, p. 13) salienta que “[...] a prática reflexiva seria fonte de conhecimento, na qual o professor passa de mero consumidor para produtor de conhecimento, fazendo da sala de aula não só um local de desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem, mas também um local de pesquisa”.

A P2 salienta determinadas pistas linguísticas como [...] algumas técnicas que professores aprendem na faculdade, [...] e P3 Quanto mais treinado e trabalhar com crianças, mais fácil e rápido se torna o aprendizado para elas [...] o que sugere que o professor valoriza o uso de técnicas para o bom aprendizado e enfatiza que o treinamento leva à prática. A análise desse trecho parece indicar que a professora desconsidera a formação profissional. A participante parece fundamentar a sua prática dentro da racionalidade técnica. Vale lembrar os postulados de Leffa (2001), pois o autor define treinamento como preparação para executar tarefas que tragam resultados rápidos, receitas de metodologia, técnicas e cita que “formação é diferente: busca a reflexão e o motivo por que uma ação é feita da maneira que é feita. [...] Enquanto que o treinamento limita-se ao aqui e agora, a formação olha além”.

As escolhas linguísticas de P4 [...] uma boa aula de língua inglesa depende muito de quem ensina. O método pode ser bom, mas o professor tem um papel fundamental dentro de sala. Desse modo, além do conhecimento da língua, deve ter iniciativa [...] sugere uma maior valorização do profissional em relação ao método. Vale ressaltar que é a única formada em Letras. As vozes da participante se complementam com as vozes de Nunes (2004 apud CHAGURI, 2004, p. 4), que afirma que cabe ao professor dar uma melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Ele deve desenvolver novas práticas didáticas que permitam um maior aprendizado dos discentes. O professor é um dos responsáveis pela aprendizagem do aluno, então, como o autor se refere, ele deve utilizar diversos recursos pedagógicos e investigar a sua conduta para a construção de um processo de ensino-aprendizado significativo, isto é, lançar mão da prática reflexiva buscando, assim, uma pedagogia mais realista.

Excerto n °3:

Pergunta 3. Em sua opinião, qual é a melhor abordagem pedagógica para ensinar crianças de 3 a 6 anos? Por quê?

Respostas:

P1: É trabalhar com o concreto para que a criança consiga transportar o idioma para sua realidade.

P2: Acredito muito no ensino lúdico para crianças, pois facilita o aprendizado fazendo deste, algo interessante, natural e não monótono.

P3: Atividades lúdicas, jogos, brincadeiras, músicas. Tudo que faça a criança aprender com diversão e dinamismo.

P4: Através do lúdico. A aula deve ser envolvente e dinâmica, mas também tem que ter seus momentos mais tranquilos. O ensino, nesta fase, deve ser natural.

P5: Nesta faixa de idade, a qual a criança ainda não está completamente alfabetizada, a melhor abordagem é o lúdico respeitando a maturidade das crianças e o famoso "jogo de cintura". O professor precisa ter o "perfil" adequado para ensinar inglês nesta idade.

A interpretação dos recursos discursivos dos participantes parece caracterizar que a melhor abordagem pedagógica utilizada por todos seria a abordagem lúdica, jogos, brincadeiras, música, de acordo com os depoimentos transcritos acima. (Lopes e Carvalho, 2009, p. 4) assinalam que “[...] o professor de língua inglesa pode desenvolver as aulas baseadas em atividades como brincadeiras, jogos, dança, música mímicas, dramatização [...]”. As autoras, em sua citação, sugerem atividades que podem ser inseridas no ensino de línguas. Conforme depoimento de P5 [...] a melhor abordagem é o lúdico respeitando a maturidade das crianças [...], podemos observar a preocupação do professor em respeitar a capacidade de aprendizagem de seu aluno, conforme a sua idade. Nunes (2004 apud CHAGURI, 2004, p. 4) aborda essa questão salientando que “o professor deve apresentar a matéria de forma interessante e significativa para cada faixa etária, podendo utilizar-se de jogos, músicas, vídeos, entre outros que ajudarão na fixação da matéria.” P5 salienta ainda que [...] o professor precisa ter o "perfil" adequado para ensinar inglês nesta idade, o que sugere que o profissional necessita ter um diferencial ou algumas qualidades específicas quando se trata de aprendiz-criança. O depoimento acima nos remete aos estudos de Queiroz (2009), pois devemos nos lembrar de que o ensino da língua inglesa para crianças se difere do ensino para adultos. Por serem curiosas e aprenderem rápido, as crianças têm um período de atenção curta, então, o professor necessita ter diversas atividades durante suas aulas e utilizar diversos recursos para que o ensino não seja cansativo e repetitivo.

Excerto nº4:

Pergunta 4. Quais as vantagens e desvantagens de ensinar língua inglesa para crianças não alfabetizadas?

Respostas:

P1: Não vejo desvantagens desde que a criança não seja forçada a frequentar a escola desde muito pequena. As vantagens são inúmeras e considero a principal delas a maneira natural com que a criança lida com um novo idioma.

P2: Vantagens, para mim, são as colocadas acima. As desvantagens seriam: a possibilidade de confundir as crianças quanto às duas línguas e um possível déficit de linguagens (ex.: a gagueira em crianças bilíngues é mais comum).

P3: Eles aprendem rápido, absorvem o que é ensinado e isso é muito gratificante para o professor. Não vejo nenhuma desvantagem no ensino para essa faixa etária.

P4: Vejo apenas vantagens para as crianças, se for feito corretamente. Para quem ensina, o mais difícil é lidar com a disciplina e manter a aula sempre no mesmo ritmo e dinâmica.

P5: Não há desvantagens. As vantagens são múltiplas como: Não há vício de pronúncia; a criança tem vontade e maior facilidade de aprendizagem mais do que o adulto; a criança fica sintonizada com o mundo moderno.

A aprendizagem do idioma oficial do mundo começando cada vez mais cedo. Os depoimentos dos participantes P1 Não vejo desvantagens [...] As vantagens são inúmeras e considero a principal delas a maneira natural com que a criança lida com um novo idioma., P3 [...] Não vejo nenhuma desvantagem no ensino para essa faixa etária, P4 Vejo apenas vantagens para as crianças[...] e P5 Não há desvantagens. As vantagens são múltiplas [...], sugerem que o ensino de língua inglesa para crianças não alfabetizadas não apresenta desvantagens, e ainda acrescentam que o ensino oferece contribuições para que esse aprendiz.

Esses depoimentos parecem apontar para a posição de Schütz (2008) que indica que quanto mais cedo o aprendiz tem contato com outro idioma maior será sua de aceitabilidade e naturalidade com a língua alvo. (Vieira 2008, p. 34) acrescenta que “para quem tem a oportunidade de aprender logo nos primeiros anos de vida, o segundo idioma não tem pontos negativos”. O que não vai ao encontro com os postulados de Brewster Ellis e Girard (2002 apud ROCHA, 2008) que salientam que os benefícios da aprendizagem de uma língua estrangeira para crianças desde cedo se evidenciam, geralmente, somente após um longo período, sendo um dos papéis relevantes criar uma base mais sólida para a aprendizagem futura. Somente a P2 salientou algumas desvantagens, como no exemplo a seguir [...] As desvantagens seriam: a possibilidade de confundir as crianças quanto às duas línguas e um possível déficit de linguagens (ex.: a gagueira em crianças bilíngues é mais comum).

Devemos nos lembrar também de que o ensino pode ter desvantagens quando a proficiência do professor é restrita, como aborda Schütz (2008), ao afirmar que se os professores tiverem uma proficiência limitada, ou seja, sotaque e outros desvios que caracterizam quem não é nativo, pois “todos os desvios serão transferidos à criança, podendo causar danos irreversíveis a seu potencial de assimilação”. Desse modo, verificamos que cabe aos professores de língua estrangeira buscar a melhor abordagem e aperfeiçoamento para oferecer um melhor ensino, adaptando ou modificando sempre que necessário.

## **Processo de ensino e aprendizagem na alfabetização - língua estrangeira**

Conforme estudos dos teóricos pesquisados e análises dos participantes deste trabalho, verificamos que a aprendizagem de língua inglesa para crianças não alfabetizadas apresenta mais vantagens do que desvantagens. Podemos evidenciar com algumas respostas dos participantes que vários fatores ligados às vantagens norteiam o processo de ensino da língua inglesa para crianças. Alguns deles são referentes às pressuposições de que as crianças têm maior facilidade em aprender uma língua estrangeira até os sete anos de idade.

Poderá assimilá-la de forma tão natural quanto à língua materna, isso se o processo for conduzido de forma lúdica e interacional. Além disso, os participantes sinalizaram que quanto mais cedo o aprendiz tem contato com outro idioma, maior será sua de aceitabilidade e naturalidade com a língua alvo. Outra vantagem salientada pelos professores investigados seria a valorização do material lúdico, isto é, os alunos aprendem brincando e se sentem mais familiarizados com objetos que fazem parte de seu contexto. Devemos evidenciar também que o professor tem um papel fundamental dentro desse processo, pois ele é um dos responsáveis pelo aprendizado. Sendo assim, uma das desvantagens que pode acontecer dentro do processo do ensino seria o despreparo do professor, isto é, se os docentes de língua inglesa tiverem proficiência limitada poderão afetar diretamente seus alunos em seu potencial de assimilação. Os dados apontados por intermédio dos questionários sobre a formação acadêmica dos docentes indicam que a licenciatura não é um pré-requisito para dar aulas às crianças das escolas investigadas.

Os participantes salientaram nos seus depoimentos a importância da proficiência na língua inglesa para a contratação das escolas, isto é, o profissional necessita ter o domínio das quatro habilidades linguísticas e participar do treinamento oferecido pelas escolas, ou seja, os métodos e técnicas a serem utilizadas nas salas de aula são transmitidos aos professores, e há uma repetição das atividades dentro do processo, isto é, constroem suas aulas baseadas nas técnicas adquiridas. Podemos observar, através das respostas dos participantes, que há uma maior preocupação com o conhecimento linguístico do que o pedagógico. Como são escolas franqueadas, as escolas têm como princípio o treinamento de professores, cujas técnicas desejadas são ensinadas para os professores que partem do princípio do modelo apresentado pela escola para construir suas aulas.

O que sugere a ideia de um professor é um mero aplicador de técnicas como: imitar, repetir, copiar, transmitir conhecimento, sem estimular o raciocínio. Não podemos afirmar se os professores

investidos seguem as formas engessadas ou prescritas pelo método ou se na sua sala de aula criam novas oportunidades de ensino de acordo com a necessidade do contexto.

De acordo com os estudos realizados, podemos afirmar que não só o domínio da língua é necessário, é preciso que a ação pedagógica se faça presente na formação profissional. No contexto investigado, constatamos, assim, que não há uma preocupação com as ações pedagógicas reflexivas dos professores e sim com o treinamento oferecido pelas escolas. No cenário estudado, o professor é mero consumidor de conhecimento, e os profissionais passam a fundamentar a sua prática dentro da racionalidade técnica, e isso pode se tornar um fator negativo dentro do processo. As considerações finais parecem apontar que há mais vantagens do que desvantagens sobre a aprendizagem da língua inglesa para crianças não alfabetizadas e que, conseqüentemente, o docente tem grande responsabilidade nesse processo.

No estudo em questão foi observado que a aprendizagem do idioma oficial do mundo começando cada vez mais cedo. Os depoimentos dos participantes P1 Não vejo desvantagens [...] As vantagens são inúmeras e considero a principal delas a maneira natural com que a criança lida com um novo idioma., P3 [...] Não vejo nenhuma desvantagem no ensino para essa faixa etária, P4 Vejo apenas vantagens para as crianças[...] e P5 Não há desvantagens. As vantagens são múltiplas [...], sugerem que o ensino de língua inglesa para crianças não alfabetizadas não apresenta desvantagens, e ainda acrescentam que o ensino oferece contribuições para que esse aprendiz. Esses depoimentos parecem apontar para a posição de Schütz (2008) que indica que quanto mais cedo o aprendiz tem contato com outro idioma maior será sua de aceitabilidade e naturalidade com a língua alvo. (Vieira 2008, p. 34) acrescenta que “para quem tem a oportunidade de aprender logo nos primeiros anos de vida, o segundo idioma não tem pontos negativos”. O que não vai ao encontro com os postulados de Brewster Ellis e Girard (2002 apud ROCHA, 2008). Que salientam que os benefícios da aprendizagem de uma língua estrangeira para crianças desde cedo se evidenciam, geralmente, somente após um longo período, sendo um dos papéis relevantes criar uma base mais sólida para a aprendizagem futura.

Somente a P2 salientou algumas desvantagens, como no exemplo a seguir [...] As desvantagens seriam: a possibilidade de confundir as crianças quanto às duas línguas e um possível déficit de linguagens (ex.: a gagueira em crianças bilíngues é mais comum). Devemos nos lembrar também de que o ensino pode ter desvantagens quando a proficiência do professor é restrita, como aborda Schütz (2008), ao afirmar que se os professores tiverem uma proficiência limitada, ou seja, sotaque e outros desvios que caracterizam quem não é nativo, pois “todos os desvios serão transferidos à criança, e pode causar danos irreversíveis a seu potencial de assimilação”. Desse modo, verificamos

que cabe aos professores de língua estrangeira buscar a melhor abordagem e aperfeiçoamento para oferecer um melhor ensino, adaptando ou modificando sempre que necessário.

### **Considerações finais**

Conforme estudos dos teóricos pesquisados e análises dos participantes deste trabalho, verificamos que a aprendizagem de língua inglesa para crianças não alfabetizadas apresenta mais vantagens do que desvantagens. Podemos evidenciar com algumas respostas dos participantes que vários fatores ligados às vantagens norteiam o processo de ensino da língua inglesa para crianças. Alguns deles são referentes às pressuposições de que as crianças têm maior facilidade em aprender uma língua estrangeira até os sete anos de idade e que poderá assimilá-la de forma tão natural quanto à língua materna, isso se o processo for conduzido de forma lúdica e interacional. Além do mais, os participantes sinalizaram que quanto mais cedo o aprendiz tem contato com outro idioma, maior será sua de aceitabilidade e naturalidade com a língua alvo. Outra vantagem salientada pelos professores investigados seria a valorização do material lúdico, isto é, os alunos aprendem brincando e se sentem mais familiarizados com objetos que fazem parte de seu contexto.

Devemos esclarecer também que o professor tem um papel fundamental dentro desse processo, pois ele é um dos responsáveis pelo aprendizado. Deste modo, uma das desvantagens que pode acontecer dentro do processo do ensino seria o despreparo do professor, isto é, se os docentes de língua inglesa tiverem proficiência limitada poderão afetar diretamente seus alunos em seu potencial de assimilação. Os dados apontados por intermédio dos questionários sobre a formação acadêmica dos docentes indicam que a licenciatura não é um pré-requisito para dar aulas às crianças das escolas investigadas. Os participantes evidenciam em seus depoimentos a importância da proficiência na língua inglesa para a contratação das escolas, isto é, o profissional necessita ter o domínio das quatro habilidades linguísticas e participar do treinamento oferecido pelas escolas, quer dizer, os métodos e técnicas a serem utilizadas nas salas de aula são transmitidos aos professores, e há uma repetição das atividades dentro do processo, isto é, constroem suas aulas baseadas nas técnicas adquiridas.

Podemos observar, através das respostas dos participantes, que há uma maior preocupação com o conhecimento linguístico do que o pedagógico. Como são escolas franqueadas, as escolas têm como princípio o treinamento de professores, cujas técnicas desejadas são ensinadas para os professores que partem do princípio do modelo apresentado pela escola para construírem suas aulas.



O que sugere a ideia de um professor é um mero aplicador de técnicas como: imitar, repetir, copiar, transmitir conhecimento e sem estimular o raciocínio. Não podemos afirmar se os professores investidos seguem as formas engessadas ou prescritas pelo método ou se na sua sala de aula criam novas oportunidades de ensino de acordo com a necessidade do contexto. De acordo com os estudos realizados, podemos afirmar que não só o domínio da língua é necessário, é preciso que a ação pedagógica se faça presente na formação profissional. No contexto investigado, percebemos, desta forma, que não há uma preocupação com as ações pedagógicas reflexivas dos professores e sim com o treinamento oferecido pelas escolas. No contexto estudado, o professor é mero consumidor de conhecimento, e os profissionais passam a fundamentar a sua prática dentro da racionalidade técnica, e isso pode se tornar um fator negativo dentro do processo. As considerações finais parecem apontar que há mais vantagens do que desvantagens sobre a aprendizagem da língua inglesa para crianças não alfabetizadas e que, conseqüentemente, o professor tem grande responsabilidade nesse processo. No estudo em questão foi observado que a maioria dos professores se submetem a um treinamento para exercerem a prática.

## Referências

- CARVALHO, R. C. M.; LOPES, M. *Formação do professor de inglês: educação infantil e ensino fundamental (1ª a 4ª séries)*. Disponível em. Acesso em: 15 set. 2009.
- CAVALCANTI, M. C. *Reflexões sobre a prática como fonte de temas para projetos de pesquisa para a formação de professores* de LE. In: ALMEIDA FILHO, J. C. P. (Org). *O professor de língua estrangeira em formação*. Campinas, Pontes. 2009. P. 179-184
- CELANI, M. A. A. *O Perfil do educador de ensino de língua: o que muda*. Trabalho apresentado no I Encontro de Professores de Língua Estrangeira. UFSC. 1996. P. 7- 14.
- CHAGURI, J. P. *A Importância do ensino da língua inglesa nas séries iniciais do ensino fundamental*. Disponível em:<  
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/A%20importancia%20do%20ensino%20da%20LI%20nas%20series%20iniciais.Pdf>> Acesso em: 28 jul. 2008.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.
- DIB, C. T. *Reflexão como teoria de ação desveladora: analisando a própria prática docente*. 2004. 241 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.
- LEFFA, V. J. *Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras*. In: \_\_\_\_\_, Vilson J. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras; construindo a profissão*. Disponível em. Acesso em: 25 mar. 2009.
- MOITA LOPES, L. P.(1996). *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- VIEIRA, C. *Cultura em estereó*. *Revista discutindo língua portuguesa*, São Paulo, v.2, n.10, p.32-38. 2008.
- OLIVEIRA, R.S. Reprodução de modelos ou construção da prática pedagógica? Um estudo sobre a formação do licenciado em inglês da UFRJ. *Revista Ao pé da letra*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.169-174. 2000.
- OLIVEIRA, R.S. *Reprodução de modelos ou construção da prática pedagógica? Um estudo sobre a formação do licenciado em inglês da UFRJ*. *Revista Ao pé da letra*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.169-174. 2000.

QUEIROZ, I. T. *A Pesquisa no ensino de língua inglesa para crianças*. Disponível em: Acesso em: 22 set. 2009.

ROCHA, C. H. *O ensino de línguas para crianças: refletindo sobre princípios e práticas*. In: (Org.).

SCHÜTZ, R. *A idade e o aprendizado de línguas*. Disponível em: Acesso em: 23 ago. 2008.

*Diferenças de pronúncia entre inglês e português*. Disponível em: Acesso em: 23 ago. 2008

*Language Acquisition - Language Learning*. Disponível em: Acesso em: 18 out. 2009.

Anexo: Curso de Letras / Licenciaturas – Português/Inglês:

1. Qual é a sua formação acadêmica?
2. Você tem interesse em continuar a estudar?

P1: Tenho curso superior incompleto. Talvez no futuro continue meus estudos numa área voltada para educação.

P2: Sou formada em Jornalismo e estou no 2º período de Psicologia.

P3: Letras. Português/Inglês (incompleto) e Administração e Marketing (cursando). Sim. Tenho interesse em fazer pós-graduação e continuar a estudar.

P4: Sim, algum curso específico de gramática. Sou formada em letras/tradutor e intérprete, extensão em licenciatura plena e pós-graduada em tradução em língua inglesa.

P5: Pós-graduada em Língua Inglesa. Sim, pretendo não parar de estudar.

2. Fale um pouco mais da sua experiência profissional.

P1: Comecei minha carreira de instrutora de idiomas há mais de quinze anos e me apaixonei. Desde então todos os meus esforços tem sido no sentido do meu aprimoramento do idioma inglês.

P2: Comecei a dar aulas de inglês para crianças carentes e estou ensinando profissionalmente há 2 anos.

P3: Comecei a dar aulas de inglês aos 15 anos, por acaso, na escola onde eu estudava. Daí em diante não parei mais. Trabalho em escolas de idiomas há 10 anos.

P4: Sou professora de inglês para crianças há 15 anos. Já trabalhei com aulas para adultos também, mas minha preferência é na área infantil. Atualmente tenho uma escola de inglês para crianças.

P5: Experiência em lecionar a língua inglesa para crianças, adolescentes e adultos há 11 anos em escolas de idiomas, atualmente na Universidade e sou parceira na Franquia XXXX em São José dos Campos - SP.

3. Em sua opinião, como a formação do professor influencia. No processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa voltado para crianças não alfabetizadas?

P1: Acredito que o professor que se dedica ao ensino da língua inglesa voltado para crianças deve, em primeiro lugar, ser apaixonado pelo idioma e gosta muito de trabalhar com crianças. O Universo

infantil é muito rico e a capacidade de aprendizado infinita, o que exige do professor a compreensão deste universo para que possa dar sentido enquanto ensina o idioma. As crianças aprendem a partir do momento que levam o inglês para sua realidade.

P2: Acredito que uma formação que não esteja voltada exclusivamente à formação de professores pode auxiliar na flexibilidade e ampliação de visão de mundo que se reflete na sala de aula. Por outro lado, algumas técnicas que professores aprendem na faculdade são apenas aprendidas por nós (não formados para professores) no dia-a-dia.

P3: Quanto mais treinado e trabalhar com crianças, mais fácil e rápido se torna o aprendizado para elas, pois será respeitado seu tempo e maneira de aprender. Além da utilização de atividades específicas para a idade.

P4: Costumo dizer que uma boa aula de Inglês depende muito de quem ensina. O método pode ser bom, mas o professor tem um papel fundamental dentro de sala. Portanto, além do conhecimento da língua, deve ter iniciativa, “jogo de cintura” e boa formação acadêmica. É um conjunto.

P5: Através da reciclagem em cursos e a própria experiência em sala de aula. A formação acadêmica também é de muita importância.

4. A escola em que você trabalha oferece algum tipo de apoio pedagógico ou treinamento para a sua prática pedagógica? Se sim, qual? Se não, quais são os parâmetros que você segue para o planejamento das suas aulas?

P1: Utilizamos uma metodologia desenvolvida por uma franquia do Rio de Janeiro que nos oferece tanto treinamento quanto suporte pedagógico.

P2: Temos treinamento no método e reuniões periódicas para discussão de alguns pontos pedagógicos.

P3: Sim. Seguimos livro, temos um guia de atividades e utilizamos técnicas especialmente desenvolvidas para a faixa etária.

P4: Sim, a escola tem uma metodologia lúdica e cheia de atividades. Há treinamento inicial, quando o professor começa a dar aulas, reuniões periódicas, muito material e troca de informações.

P5: Sim. Reuniões quinzenais, dedicação constante na preparação das aulas e muita disciplina.

5. Em sua opinião, qual é a melhor abordagem pedagógica para ensinar crianças em fase de alfabetização Por quê?

P1: É trabalhar com o concreto para que a criança consiga transportar o idioma para sua realidade.

P2: Acredito muito no ensino lúdico para crianças, pois facilita o aprendizado fazendo deste, algo interessante, natural e não monótono.

P3: Atividades lúdicas, jogos, brincadeiras, músicas. Tudo que faça a criança aprender com diversão e dinamismo.

P4: Através do lúdico. A aula deve ser envolvente e dinâmica, mas também tem que ter seus momentos mais tranquilos. O ensino, nesta fase, deve ser natural.

P5: Nesta faixa de idade, a qual a criança ainda não está completamente alfabetizada, a melhor abordagem é o lúdico respeitar a maturidade das crianças e o famoso "jogo de cintura". O professor precisa ter o "perfil" adequado para ensinar a língua inglesa nesta idade.

6. Quais os objetivos de ensinar a língua inglesa para crianças que ainda não foram alfabetizadas?

P1: O Objetivo é que a criança inicie o aprendizado de um segundo idioma da maneira mais natural possível, da mesma forma com que aprende sua língua materna.

P2: Em minha opinião, além de antecipar a aprendizagem de uma nova língua, o ensino de uma língua diferente da nativa auxilia no desenvolvimento cognitivo da criança.

P3: Elas não tem a necessidade de ler para absorver o que foi ensinado, facilitando o aprendizado correto das pronúncias. Além de deixar a criança mais familiarizada com o idioma e propensa a ter melhor desenvolvimento futuro.

P4: Aprender a gostar do novo idioma, ter boa pronúncia e facilidade ao aprender. Nesta fase, as atividades são orais e as crianças adquirem fluência sem perceber.

P5: Vivenciar a criança no idioma para que ela não tenha dificuldades de aprendizagem do Inglês posteriormente.

7. Quais as vantagens e desvantagens de ensinar língua inglesa para crianças em fase de alfabetização?

P1: Não vejo desvantagens desde que a criança não seja forçada a frequentar a escola desde muito pequena. As vantagens são inúmeras e considero a principal delas a maneira natural com que a criança lida com um novo idioma.

P2: Vantagens, para mim, são as colocadas acima. As desvantagens seriam: A possibilidade de confundir as crianças quanto às duas línguas e um possível déficit de linguagens (ex.: a gagueira em crianças bilíngues é mais comum).

P3: Eles aprendem rápido, absorvem o que é ensinado e isso é muito gratificante para o professor. Não vejo nenhuma desvantagem no ensino para essa faixa etária.

P4: Vejo apenas vantagens para as crianças, se for feito corretamente. Para quem ensina, o mais difícil é lidar com a disciplina e manter a aula sempre no mesmo ritmo e dinâmica.

P5: Não há desvantagens. As vantagens são múltiplas como: Não há vício de pronúncia; A criança tem vontade e maior facilidade de aprendizagem mais do que o adulto; A criança fica sintonizada com o mundo moderno. A aprendizagem da língua oficial do mundo começa cada vez mais cedo.

8. De que forma esse aprendizado, ainda na infância, contribuirá futuramente para um melhor desenvolvimento desses alunos?

P1: O aprendizado do idioma envolve vários fatores e um deles é gostar do idioma e sentir prazer ao aprendê-lo. Se o aluno consegue gostar de aprender e derrubar a barreira do idioma desde

criança, as chances de ter sua curiosidade despertada são maiores. A curiosidade leva à busca por informações e, conseqüente, a um maior e melhor desenvolvimento.

P2: No desenvolvimento cognitivo que facilita, em longo prazo, novas sinapses que facilitarão por si, o desenvolvimento intelectual desse futuro adulto.

P3: Eles não terão criado um “bloqueio” para o aprendizado da língua, já estarão familiarizados e terão maior desenvoltura para aprender o idioma com maior naturalidade.

P4: Hoje, já foi comprovado cientificamente que crianças que aprendem outro idioma na infância, têm mais raciocínio até em matemática, pois aumenta suas conexões cerebrais. No futuro, o novo idioma não será uma dificuldade, mas algo natural. Sem contar na facilidade com a pronúncia.

P5: Quando adultos esses alunos terão uma poderosa base de conhecimento do idioma e de mundo ajudando em suas profissões e vidas.

Chegou em: 15-04-2017

Aceito em: 26-05-2017